

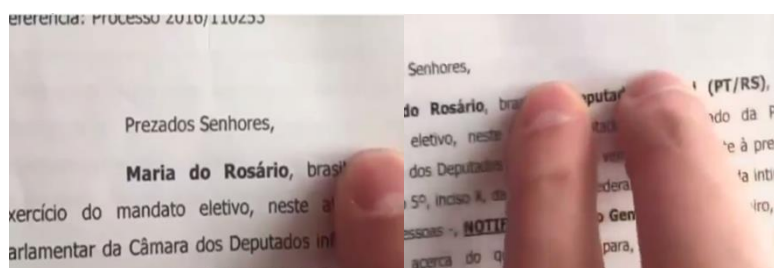
DE(PUTA)DA: UM OLHAR DISCURSIVO PARA A CONTRADIÇÃO NO FUNCIONAMENTO DA DESIGNAÇÃO

Bruna Vitória Tejada¹

Nesta pesquisa², com respaldo nos pressupostos teórico-analíticos da Análise de Discurso Materialista, empreendemos um gesto de interpretação a respeito de um vídeo produzido e publicado pelo humorista Danilo Gentili, em 2017³. Nele, o humorista responde a uma intimação extrajudicial movida pela deputada Maria do Rosário na qual se solicitava o apagamento de algumas postagens ofensivas à deputada realizadas por Danilo na plataforma do Twitter. Em sua resposta, o comediante executa um gesto de agressão à deputada: rasga o documento, o coloca em suas calças e depois o envia para Maria do Rosário.

Sensibilizadas pelas relações de opressão construídas em função do gênero, lançamos um olhar discursivo para essa produção; as análises nos permitiram verificar a naturalização da superioridade do homem promovida pela ideologia cisheteropatriarcal (TEJADA, 2020). Curiosamente, Danilo recorre a estratégias humorísticas em seu gesto de agressão, sinalizando um vínculo entre violência de gênero e humor, vínculo já trabalhado pela autora em textos anteriores. Aqui, nos propomos a trabalhar a designação dada à deputada pelo humorista, pois, ao receber o documento, Danilo exibe seu destinatário cobrindo as sílabas *de* e *da* constituintes da palavra *deputada*, transformando-a em *puta*, conforme é possível visualizar em (01):

(01) Recorte do vídeo publicado por Danilo referente ao momento em que o humorista, após expor o nome Maria do Rosário, realiza o gesto sobre o significante deputada.



Exploramos essa designação pela via da heterogeneidade e da contradição (COURTINE, 2014) que emerge no embate entre o discurso dominante e o discurso dominado. Entendemos que, pela redesignação proposta pelo humorista, impõe-se uma discursividade à Maria do Rosário que a afeta, a assedia e a deslegitima frente aos eleitores. No leque das formações imaginárias, existe um imaginário

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: brunaatejada@gmail.com.

² Este texto constitui um recorte da dissertação da autora, intitulada *Gênero, riso e violência: um olhar discursivo para o humor de Danilo Gentili*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPEL em 2020 sob orientação da Profa. Dra. Luciana Vinhas.

³ O vídeo em questão ainda se encontra disponível no seguinte link <https://www.youtube.com/watch?v=TRbEFOE-Ns>. Acesso em: 10 jan. 2020.

consolidado referente à designação puta assentado em uma formação discursiva conservadora e machista, pregadora da moral e da religiosidade que retorna na memória por pertencer ao discurso dominante, produzindo efeitos nos sujeitos independentemente da filiação discursiva. As questões de gênero são permeadas por pré-construídos da ordem da ideologia dominante cisheteronormativa que os apresenta como naturais e universais, invadindo diferentes formações discursivas. Assim, mesmo que o sujeito se identifique com uma formação discursiva antagônica, esses sentidos estão disponíveis e exercem efeitos no seu discurso, ainda que sob a forma de negação do pré-construído.

Isto posto, existe um efeito de evidência sobre a puta de modo que não questionamos o que é ser puta, pois, tal como todo mundo sabe o que é um operário e um soldado (PÊCHEUX, 1997), todo mundo sabe o que é uma puta. Conforme versão on-line do dicionário Priberam de Língua Portuguesa⁴, o significante puta é utilizado para referir-se à “mulher que se prostitui = meretriz, prostituta, rameira” ou “mulher que tem relações sexuais com muitos homens”. Ao recorrer ao dicionário, não pretendemos estabelecer uma relação de transparência entre significante e significado, pois tal prática é contrária aos pressupostos básicos da AD; entretanto, compreendemos que os dicionários nos permitem a consulta a significados histórica e ideologicamente naturalizados pelas posições dominantes de uma formação social. Puta ganha sentidos negativos por se relacionar à identificação de gênero vinculada a uma prática sexual promíscua e é objeto de opressão em nossa formação social: xingar uma mulher de puta é chamá-la de promíscua, de moral duvidosa. Utilizar esses adjetivos/substantivos como xingamentos revela o funcionamento da ideologia dominante na nossa formação social.

Trabalhos como o de Fernandes e Souza (2013) tentam compreender o processo de estigmatização do termo puta até sua constituição como tabu em nossa formação social, e, para isso, consultam o verbete em quatro dicionários de diferentes séculos, entre 1789 e 2001. Nesse resgate sócio-histórico, o termo puta foi encontrado investido de sentidos religiosos (a mulher pecadora), morais (a mulher imoral, devassa) e comerciais (a prostituta ou a profissional do sexo), ocorrendo simultaneamente, ora prevalecendo um ou outro: os sentidos nos dicionários apresentaram-se deslizando de sua origem como donzela no italiano, ou como menina no latim, para mulher pecadora que tem relações sexuais extraconjugais e para a instituição da puta como prostituta.

Como consequência do efeito de evidência constituinte do processo de interpelação ideológica, os sentidos cristalizados silenciam possibilidades de sentidos outros. No entanto, como o assujeitamento nunca é pleno, o novo pode irromper produzindo pequenos deslizamentos nas redes parafrásticas das FD que podem levar à desidentificação do sujeito e a seu assujeitamento a outra FD. Conforme Fernandes e Souza (2013, p. 68), “o termo puta assume sentidos de acordo com a formulação e a posição-sujeito que a mobiliza, a partir de uma dada formação discursiva da qual faz parte”. Para explorar essa questão, retomamos o termo puta em Gabriela Leite, que foi uma prostituta e ativista dos direitos das prostitutas, autora do livro *Filha, mãe, avó e puta*.

Os termos filha, mãe e avó historicamente pertencem a uma rede parafrástica, a uma rede cristalizada de sentidos que enuncia um processo de crescimento e amadurecimento da mulher. O termo puta é inserido como um estranho entre os demais, como um elemento de outra rede de sentidos, talvez relacionada a termos como sexualidade, prostituição, marginalização. Sabemos, a partir de Pêcheux (1997),

⁴ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/puto>. Acesso em: 20 abr. 2020.

que a relação de literalidade do significante é ilusória, que os sentidos se constituem a partir da determinação histórica dos processos de significação, a partir das posições ideológicas em jogo no processo de produção dos enunciados. Assim:

as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 1997, p.160, grifos do autor).

Parece-nos haver divergências entre os sentidos elencados por Gabriela ao significante puta e os sentidos elencados pelo humorista ao mesmo significante, e as condições de produção se mostram essenciais para a construção desses sentidos. Gabriela, em diversas entrevistas, se declara como puta e associa a puta à prostituição. Essa prática, no entanto, não é motivo de vergonha, é profissão:

Por que eu gosto do nome [puta]? Por conta das minhas filhas mesmo. Por conta das filhas das minhas colegas também. Eu, que nunca fui uma grande mãe, eu pensei nisso. Eu tenho colegas que são grandes mães, mas que não querem que as filhas saibam que elas são putas. Eu, que não sou uma grande mãe, ficava preocupada por que que minhas filhas eram “filhas da puta”, isso é, o maior palavrão da sociedade. Isso é horrível. Então a gente tem que mudar. “Filha da puta” deve ser um nome de orgulho pras filhas da gente. Então é esse o meu pensamento. E também acho que se a gente não toma as palavras pelo chifre e assume elas, a gente não muda nada⁵.

Diante do reconhecimento da naturalização do significante e da estigmatização imputada pela sociedade patriarcal a essas mulheres, Gabriela apropria-se do termo para ressignificá-lo em uma outra rede de sentidos que não os da marginalização e preconceito, para que possam circular de um modo novo. Curiosamente, Gabriela recusa-se a se designar como profissional do sexo, pois “profissional do sexo é qualquer coisa [...] precisa ter identidade, aí a gente muda alguma coisa”. A memória vinculada a esse significante desliza do âmbito da imoralidade e devassidão para um outro espaço, produzindo novas possibilidades de sentidos. Ela também se recusa a tratar as prostitutas como vítimas da desigualdade do sistema capitalista: percebe a existência delas, mas diz que muitas apenas optam pela prostituição como optam por qualquer outro trabalho, como foi seu caso. Segundo Gabriela, a prostituição é envolta em preconceito por aliar a sexualidade com dinheiro, pois a prostituição é um espaço de sexualidade e, como aquilo que é da ordem da sexualidade, do corpo, é motivo de dogmas, torna-se proibido:

É muito engraçado porque eu não sou socióloga, eu não terminei meu curso, mas as pessoas botaram na cabeça que eu sou socióloga. Então as pessoas dizem assim “Gabriela, socióloga e ex-prostituta”. É engraçado porque o que eu não sou, eu sou. E o que eu sou, eu não sou, pra ver a que ponto chega o preconceito, o estigma e tudo mais. Eu não sou socióloga, mas eu sou puta. Estou aposentada mas sou. [...] Se a pessoa chega pra mim e pergunta o que eu sou eu digo “sou uma puta”. Eu conto pra um cara num botequim que eu sou uma puta aposentada e sem aposentadoria, ele diz “Que isso, minha filha. A senhora foi, hoje a senhora não é mais. Hoje a senhora é uma mulher direita”. Ele tava me defendendo de mim.

Gabriela, inscrita em outra FD, mobiliza para o termo puta complementos como profissão, legitimidade, dignidade, luta e estigmatização. Os enunciados colocados em circulação por Gabriela e Danilo confirmam a tese de Pêcheux segundo a qual os sentidos não existem *a priori*, pois eles são determinados a partir de uma posição-sujeito inscrita em uma formação discursiva. O sentido de puta é

⁵ Este trecho faz parte de uma entrevista que constitui os extras do documentário "Um Beijo para Gabriela". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CvKkGPiXv0o>. Acesso em: 21 jul. 2020. As próximas referências à fala de Gabriela Leite foram retiradas do mesmo vídeo.

heterogêneo e sujeito à contradição. No discurso do humorista, puta é veiculado a sentidos negativos, empregado para incomodar, para ofender a deputada diante da notificação recebida e deslegitimá-la, sinalizando para uma posição conservadora que humilha a mulher utilizando-se de saberes naturalizados, que “todo mundo sabe”, vinculados ao machismo.

Se retomarmos a definição de Haroche, Pêcheux e Henry (2007, p. 26, grifos dos autores) sobre as formações ideológicas, veremos que:

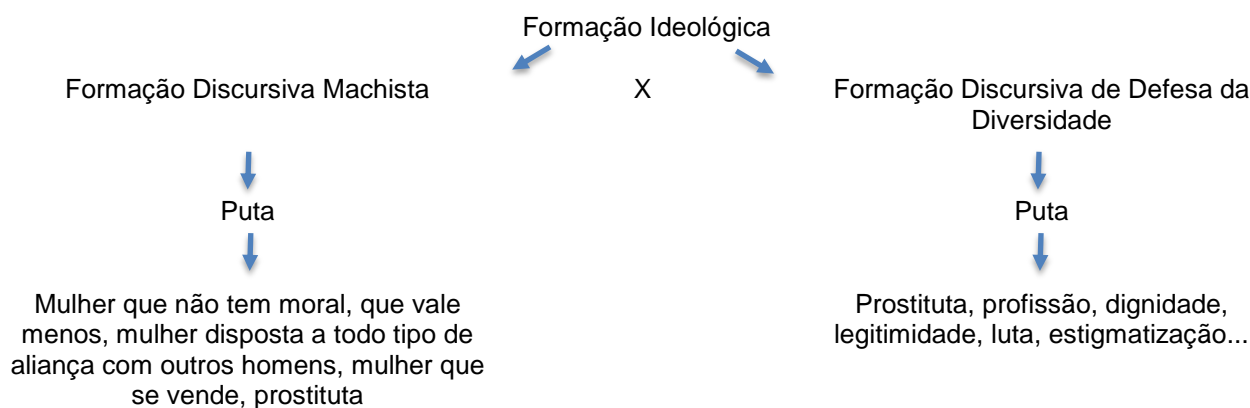
Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais' nem 'universais' mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras.

As formações ideológicas, então, constituem regiões de saber, como a religião, a escola, a política, a economia, etc. Estas comportam em seu interior relações de antagonismo, de aliança ou de dominação (PÊCHEUX, 1997), ou seja, é no interior das formações ideológicas que ocorre a disputa de sentidos entre as formações discursivas que almejam a posição dominante; por essa razão, as formações ideológicas não são universais. Conforme Pêcheux (1997, p. 166), elas

[...] "comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura", isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes.

Isso quer dizer que o sujeito só pode falar a partir de uma identificação com uma posição dentro das formações ideológicas. É posto que, na condição de sujeito, Danilo é interpelado por uma FD que comporta os saberes que este deve reproduzir ou censurar de acordo com sua identificação; logo, questionamos: o que pode e deve ser dito por Danilo? Pensando nos discursos colocados em circulação por ele e por Gabriela, propomos a seguinte representação, conforme exposto em (02):

(02) Representação dos discursos colocados em circulação por Danilo e Gabriela



Percebemos que a FD machista se construiu a partir de pré-construídos, por definição vinculados aos saberes dominantes, enquanto a FD de defesa da diversidade⁶, em uma posição antagônica, se articula

⁶ A FD de defesa da diversidade é configurada em Butturi Junior e Sozo (2013, p. 82) como “pautada em discursos de democracia, igualdade e laicização do Estado brasileiro”. Considerando que este trabalho busca trazer elementos para

sob saberes que não estão naturalizados nas práticas dos sujeitos. Esta interpretação só é possível de ser realizada a partir do desenvolvimento da análise do material investigado, nunca acontecendo *a priori*.

É válido lembrar que Maria do Rosário é uma mulher pública, cujo significado no Priberam⁷ consta do seguinte modo: “aquela que desempenha funções de interesse público, sobretudo na política ou na administração de um Estado ou de um país”. Contudo, o dicionário traz também como significado “antigo, depreciativo” os termos meretriz e prostituta. No discurso do humorista, parecem incidir pressupostos de uma memória discursiva veiculada à posição-sujeito machista, que não permite ao sujeito conceber o espaço para a mulher pública deslocada de sentidos depreciativos, retomando, no nível da formulação gestual, sentidos associados a outras condições sócio-histórico-ideológicas de produção, conforme representado em (03).

(03) Representação das designações imputadas à Maria do Rosário de acordo com a FD



Por meio do que foi exposto, apontamos para uma posição-sujeito identificada com o discurso de hostilização às mulheres no discurso reproduzido pelo humorista. Do complexo das formações discursivas que constituem o interdiscurso, entendemos que o sujeito reproduz em seu discurso pressupostos de uma formação discursiva machista que coloca em circulação saberes com os quais o sujeito se identifica e, portanto, pelos quais o sujeito é interpelado e subjetivado, os quais preveem a superioridade do homem e a subordinação da mulher, isto é, que propaga práticas machistas.

Danilo alega que reagiu à notificação de Maria do Rosário por ter compreendido o documento como uma tentativa de censura que feria sua liberdade de expressão e seus advogados defendem que o vídeo não passava de uma produção humorística, que o humorista tem liberdade de expressão para se posicionar sobre a deputada Maria do Rosário. No entanto, quando Maria do Rosário se posiciona, usando da sua liberdade de expressão e solicita o apagamento das postagens ofensivas direcionadas a ela, Danilo, no lugar de responder judicialmente à deputada, a designa como puta. Ele a censura. Aqui há outro ponto que devemos considerar sobre a contradição e o discurso dominante: parece que a liberdade de expressão é restrita à posição dominante, é um direito da posição dominante.

No que diz respeito às relações de gênero, Maria do Rosário pertence a uma posição subordinada à posição de Danilo e deve assumir as práticas reservadas a tal posição. Enfrentar o humorista judicialmente não é uma prática prevista, mas sim calar e aceitar a agressão desenvolvida. Entendemos que, quando a deputada utiliza de sua liberdade de expressão e denuncia as postagens realizadas, Danilo desenvolve uma

a compreensão de processos de significação relacionados a gênero e sexualidade, entendemos que a FD de defesa da diversidade diz respeito à defesa da diversidade sexual e de gênero, por isso os significantes que estão sendo aqui articulados na análise, tais como o significante puta e os gestos de Danilo para a palavra deputada, são significantes relacionados a tal região de sentidos.

⁷ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/mulher%20pública>. Acesso em: 20 abr. 2020.

nova agressão, ainda mais violenta que a anterior, na tentativa de calá-la, censurá-la. Nos parece que essa prática é realizada em outras relações de dominação, como as relações de classe e raça. Este aspecto, no entanto, não será desenvolvido aqui, mas será objeto de estudo em textos posteriores.

REFERÊNCIAS

BUTTURI JUNIOR, Atílio; SOZO, Jéssica Roberta. Uma análise de discurso sobre/da homossexualidade na imprensa online: o caso da posse de Marco Feliciano na CDHM. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 82-96, ago./dez. 2013.

COURTINE, Jean Jacques. **Análise do Discurso** Político: O Discurso Comunista Endereçado aos Cristãos. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck *et al.* São Carlos: EdUFSCar, 2014. [Tradução de *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens*, 1981].

FERNANDES, Fernanda Surubi; SOUZA, Olimpia Maluf. De puta às profissionais do sexo: uma memória da língua. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 4, n. 2, p. 58-71, ago./dez. 2013.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. *In*: BARONAS, Roberto. Leiser (org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020. p. 17-39. [Tradução de *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*, 1971].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. [Tradução de: *Les vérités de la Palice*, 1975].

TEJADA, Bruna Vitória. **Gênero, riso e violência**: um olhar discursivo para o humor de Danilo Gentili, 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.